

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
IEAD – Instituto de Educação a Distância

A VOZ PÓS COLONIAL EM NAÇÃO CRIOULA, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Rosilene Barbosa da Silva¹

RESUMO

Este trabalho se propõe a realizar uma leitura do personagem Carlos Fradique Mendes, criado por Eça de Queiróz, no século XIX na obra *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), a partir da sua “revivência” no romance *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), de José Eduardo Agualusa, obra na qual o escritor apresenta, através da publicação de suas cartas, aquela que seria uma parte desconhecida da história dessa personagem, sua viagem para a África. Temos como objeto de estudo o protagonista do romance angolano e, para tanto, tomaremos o viés teórico das leituras do pós-colonialismo, uma linha de reflexão dos denominados Estudos Culturais que avaliam as possíveis consequências da colonização praticada pelos países imperialistas e a sua abordagem na produção cultural, principalmente nas literaturas dos países submetidos a tal processo. Pretendemos analisar como a (re)escrita pós-colonial de autores africanos age no sentido de desvelar o discurso propagado pela representação europeia afim de se autorrepresentar no tempo e espaço que lhe é negado na literatura ocidental.

Palavras-chave: Nação Crioula. Carlos Fradique Mendes. Colonialismo. Pós-colonialismo.

ABSTRACT

This work aims to carry out a reading of the character Carlos Fradique Mendes, created by Eça de Queiróz, in the 19th century in the work *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), from his “revival”, in the novel *Nação Crioula: the secret correspondence of Fradique Mendes* (1997), by José Eduardo Agualusa, a work in which the writer presents, through the publication of his letters, what would be an unknown part of the story of this character, his trip to Africa. We aim to study the protagonist of the Angolan novel and, therefore, we will take the theoretical bias of post-colonialism readings, a line of reflection of the so-called Cultural Studies that assess the possible consequences of colonization practiced by imperialist countries and its approach in cultural production, mainly in the literature of countries undergoing such process. We intend to analyze how the postcolonial (re)writing of African

¹ Graduada em Letras pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

authors acts to unveil the discourse propagated by European representation in order to represent itself in the time and space that is denied to it in Western literature.

Keywords: Creole Nation. Carlos Fradique Mendes. Colonialism. Postcolonialism.

1 INTRODUÇÃO

O romance *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, publicado em 1997, tornou-se amplamente conhecido pela relação hipertextual (GENETTE, 2006) que estabelece com o romance *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), do escritor português Eça de Queirós. Em *Nação Crioula*, o personagem principal Carlos Fradique Mendes – representado como um homem branco, intelectual crítico, viajado e conhecedor de várias culturas, mas que se nega a relatar suas aventuras em África –, da obra de Eça de Queirós, ganha um protagonismo diferente ao pisar em solo africano, apaixonando-se por uma mulher negra e ex-escrava, além de tornar-se partidário do abolicionismo.

Como bem aponta Homero Fonseca (2008), quando se comenta a respeito de África, a grande maioria das pessoas parece pensar se tratar de um espaço uniforme, seja essa uniformidade em termos de condições sociais, culturais e, claro, em questão de realidade literária. Essa visão de “homogeneidade” vem, geralmente, ligada a outra que é igualmente simplista e perigosa: a visão que enxerga o continente africano como sendo o “eterno exótico”, que ignora completamente o vasto mosaico humano, religioso, linguístico e étnico que compõe a região aqui evidenciada. Relegar a África ao imaginário do eterno extravagante é, principalmente, mais do que ignorância pura e simples da realidade cultural, geográfica e social africana, uma prática de violência: violência contra aqueles povos e suas lutas pela independência, não apenas política, mas também de liberdade de criação de si, herança do processo de colonização.

Dessa forma, faremos uma leitura de Fradique, o intelectual português criado por Eça de Queirós, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis no século XIX como símbolo dos valores modernos que estes escritores buscavam introduzir nas letras e na sociedade portuguesa da época. As “cartas inéditas” de Fradique publicadas em *Nação crioula* dão acesso ao leitor às viagens do personagem pelo

continente africano, particularmente em Angola, viagens estas que são somente mencionadas por Eça em *A correspondência de Fradique Mendes* (1900).

Observamos que Agualusa retoma o personagem de Eça de Queiroz, mas possui outras intenções ao decidir por seu uso e precisa, portanto, adequar seu Fradique a esses propósitos. A começar pelo título: quando lemos, sabemos que estamos lidando com a correspondência *secreta* de Fradique Mendes. Sobre esse adjetivo, Maria Nazareth Soares Fonseca (2001) afirma que o autor “faz aflorar um misterioso aspecto de Fradique que o escritor português [Eça] não pôde conhecer, porque não teve acesso às cartas secretas que relatam a aventura africana de sua criação” (FONSECA, 2001, p. 1). Essas cartas nos revelam um lado oculto do personagem, não encontrado na versão “original”, pois, no romance angolano, o fidalgo de Eça de Queirós adquire uma feição híbrida, ainda que a cor de sua pele não tenha sido alterada. Ora, aquilo que é secreto é o que não foi contado, é a outra história, e não é preciso muito para se deduzir que uma das intenções do escritor angolano foi a produção de uma outra narrativa a respeito do mundo colonial, sendo essa uma das hipóteses desse estudo.

Como a história da opressão sofrida por um povo faz parte também de seu imaginário, acreditamos que resgatar Fradique Mendes, para Agualusa, seja também reinventar o opressor de seu povo. (Re)narrar Fradique Mendes se torna, portanto, também (re)narrar parte da história portuguesa, recontar um trecho importante da história contada por aquele povo e que deu bases para a construção de uma identidade nacional. É (re)pensar o espaço da literatura lusitana em países que foram colônias de Portugal.

Observamos a relevância do trabalho pela forma que o escritor angolano expressa a vida pela palavra, sobretudo com a possibilidade de refletir acerca da sua própria realidade pois, como nos lembra Glissant, “um povo impossibilitado de refletir sobre sua função no mundo é, com efeito, um povo oprimido” (2005, p.102) e é justamente dessa opressão tão presente na literatura ocidental que Agualusa busca desfazer-se. Propomos, entre outras coisas, que o autor de *Nação Crioula* retoma a figura de Fradique para refletir sobre um problema recorrente na literatura portuguesa do século XIX: o não-reconhecimento ao continente africano, observando também

como a *rescrita* pós-colonial age no sentido de desvelar o discurso propagado pela representação europeia.

REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Primeiras palavras

Em linhas gerais, desdobradas neste artigo, tem-se que o poeta português fictício Carlos Fradique Mendes foi idealizado e criado (1869) pelo *O Cenáculo*, grupo de intelectuais portugueses, dentre os quais se destacaram Eça de Queirós, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, que “tinham o ideal comum de tirar o seu país do obscurantismo, do atraso intelectual e das amarras da religião” (THIMÓTEO, 2001, p.24). A personagem em questão apareceria, pela primeira vez, com a publicação de algumas poesias, ainda nesse mesmo ano. Tempos depois, sua “existência” não se resumiria ao poeta pois Eça de Queirós, dentre seus três idealizadores, foi aquele que deu continuidade à sua existência. Escreveu, juntamente com Ramalho Ortigão, o romance epistolar *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), antes de se dedicar (a partir de 1888), à publicação em formato de folhetim das cartas de Fradique Mendes que, anos mais tarde, comporiam o livro *A Correspondência de Fradique Mendes* (publicado em 1900).

Essa obra é dividida em duas partes: a primeira, *Memórias e Notas*, traz um narrador-biógrafo, que produz um ensaio de apresentação estruturado em oito capítulos, elaborando suas considerações acerca de quem é Fradique Mendes: “homem estimado, como uma espécie de revelação no meio literário; um poeta da modernidade, que publicou na “Revolução de Setembro” suas “Lapidárias”, poemas de “originalidade cativante e bem-vinda” (QUEIRÓS, 2013, p. 15), evidenciando também sua origem socioeconômica “Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica família de Açores” (QUEIRÓS, 2013, p. 22). Na segunda parte do livro, o conteúdo é composto pelas cartas de Fradique, endereçadas às pessoas com quem mantinha ou mantivera alguma forma de convívio, nas quais expressa suas ideias e críticas relacionadas à moralidade, causas sociais, culturais, questões de identidade

e, principalmente, à decadência da sociedade lusitana, causada pelas constantes transformações sociais, políticas e econômicas da época, como observamos em carta enviada a sua madrinha Madame de Jouarre, onde descreve os métodos de entrada apadrinhada no sistema público português:

O essencial para um rapaz (afirmava há dias a apreciável senhora, depois do almoço, traçando a perna) é ter padrinhos e apanhar um emprego; fica logo arrumado; o trabalho é pouco e o ordenadozinho está certo ao fim do mês. Mas D. Paulina está tranquila com a carreira do Quinzinho. Pela influência (que é toda-poderosa nestes Reinos) dum amigo certo, o sr. conselheiro Vaz Neto, há já no Ministério das Obras Públicas ou da Justiça uma cadeira de amanuense, reservada, marcada com lenço, à espera do Quinzinho. E mesmo, como o Quinzinho foi reprovado nos últimos exames, já o sr. conselheiro Vaz Neto lembrou que, visto ele se mostrar assim desmazelado, com pouco gosto pelas letras, o melhor era não teimar mais nos estudos e no Liceu, e entrar imediatamente para a repartição... — Que ainda assim, (ajuntou a boa senhora, quando me honrou com estas confidências) gostava que o Quinzinho acabasse os estudos. Não era pela necessidade, e por causa do emprego, como V. Ex. a vê: era pelo gosto. (QUEIRÓS, 2013 p.150)

Ironizando também as carências e contradições da sociedade da época em relação ao clero, na obra, representado por padre Salgueiro:

O que em padre Salgueiro me encantou logo, na noite em que tanto palestramos, rondando pachorrentamente o Rossio, foi a sua maneira de conceber o sacerdócio. Para ele o sacerdócio (que de resto ama e acata como um dos mais úteis fundamentos da sociedade) não constitui de modo algum uma função espiritual – mas unicamente e terminantemente uma função civil. Nunca, desde que foi colado à sua paróquia, padre Salgueiro se considerou senão como funcionário do Estado, um empregado público, que usa um uniforme, a batina (como os guardas da Alfandega usam a fardeta), e que, em lugar de entrar todas as manhãs numa repartição do Terreiro do Paço para escrever ou arquivar ofícios, vai, mesmo nos dias santificados, a uma outra repartição, onde, em vez de carteira, se ergue um altar, celebrar missas e administrar sacramentos. As suas relações não são, nunca foram com Céu (do céu só lhe importa saber se está chuvoso ou claro) – mas com a Secretaria da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos. Foi ela que o colocou na sua paróquia, não para continuar a obra do Senhor guiando docemente os homens pela estrada limpa da salvação (missões de que não curam as secretarias do Estado) mas como funcionário, para executar certos atos públicos que a lei determina a bem da ordem social –batizar, confessar, casar, enterrar os paroquianos. (p. 98-99)

Na citação acima, segundo Fradique, não existiam mais sacerdotes a serviço da fé e do povo, mas a serviço do governo.

A partir dos fragmentos citados e na leitura de toda a obra, notamos a ironia no discurso do personagem de Eça de Queirós, pois ele vai, ao longo das cartas, apresentando o “triste país” que era Portugal a seus olhos. Segundo Maria Nazareth

Soares (2001), Fradique Mendes é considerado por alguns leitores e críticos como alter-ego de Eça de Queirós. Pode-se notar em comum, por exemplo, a ironia presente nas cartas de Fradique e a visão crítica em relação a Portugal.

Analisando a narrativa do autor português mais atentamente, observa-se que, pela leitura da primeira parte do romance, o relato pessoal do narrador sobre seu amigo (capítulo sete da primeira parte do livro), revela que **Fradique fizera uma viagem à África** (grifo meu): “- Fradique! Por que não escreve você toda essa sua viagem à África?” (QUEIRÓS, 2013, p. 79), uma pergunta que foi categoricamente negada, “ – Para quê?...**Não vi nada na África que os outros não tivessem já visto**” (p.79, grifo meu). O narrador observa que talvez a tivesse visto “de um modo diferente e superior; que nem todos os dias, um homem educado pela filosofia e saturado de erudição faz a travessia da África (p. 80). A tais argumentos, Fradique retruca: “Não! Não tenho sobre a África, nem sobre coisa alguma nesse mundo, conclusões que, por alterarem o curso do pensar contemporâneo valesse a pena registrar...Só podia apresentar uma série de impressões, de paisagens” (p. 80). Aparentemente, dando continuidade a essa parte da narrativa, percebemos que o missivista faz uma crítica ao primitivismo, ao absurdo, aos valores que pautam a cultura africana, fazendo uso do humor e desdém. Também, na última citação, pode-se intuir que, se não há o que falar da África, é porque ela não oferece possibilidades de fazer sentido ao civilizado Fradique.

Dessa forma, é viável dizer que, sendo criado a partir de uma perspectiva crítica oriunda do Ocidente, seu criador, Eça de Queirós, por conta desse perfil “ocidental”, acaba por não desenvolver o trajeto de sua personagem em África, escolha já feita antes em outra obra de sua autoria, no caso, *A Ilustre Casa de Ramires* (1900): Gonçalo Ramires, protagonista da referida obra, oriundo de uma família de tradição (fundada no século XII, na Torre dos Ramires), no presente (século XIX,) está completamente falida e, para “salvar o bom nome dos Ramires”, segue de Portugal para a colônia, Moçambique, para fazer fortuna, o que consegue. Porém, em momento algum da narrativa menciona esse espaço, nem o tempo que permanece por lá, o seu Eldorado de remissão de miséria, por conta da empreitada colonialista (MATA, 2014), exatamente porque, conforme Videira (1985, p.1):

(...) a literatura portuguesa do século XIX desconhece África. Para os escritores portugueses de oitocentos a diferença, e portanto a procura de

Identidade, estabelece-se com “o estrangeiro” europeu: francês ou inglês, o outro é um próprio com a característica de possuir um grau superior de civilização.

Portanto, para o continente africano restaria o silêncio. Esse silêncio permite que o discurso etnocêntrico, homogeneizador e monolítico, que se quer único e verdadeiro, grite mais alto.

2.2 A REESRITA PÓS COLONIAL: O CASO FRADIQUE MENDES

Thomas Bonicci, na obra *O pós-colonialismo e a literatura* (2000, p. 25), destaca que, “estrategicamente”, a análise pós-colonial opta por trabalhar textos escritos por autores cuja cultura passou pelo jugo colonial, observando de que forma este responde literariamente a arrogância do colonizador. Sobre isso, Inocência Mata explica que a escrita atual africana engendra “estratégias contra discursivas que visam a deslegitimação dum projecto de nação monocolor pensado sob o signo da ideologia nacionalista” (apud NASCIMENTO, 2012. p. 8).

Dessa forma, observamos como José Eduardo Agualusa coloca em cena o narrador-personagem da obra queirosiana para nos mostrar sua *outra* história, lançando o olhar ao passado e assim refletindo questões pertinentes ao período em que a personagem passou por terras africanas. Por meio de uma seleção de missivas de sua autoria, com o intuito de se fazer entender e conhecer aquela que pode ser denominada, como o subtítulo da obra sugere, de correspondência secreta, Carlos Fradique Mendes imprime o que experiencia, o que sente naquele momento e acompanhamos a trama através da sua perspectiva, do relato dos fatos com os quais está envolvido.

A obra coloca em relevo a questão do período da colonização portuguesa na África e no Brasil e tudo o que tinha relação com ela: tráfico de escravos, domínio territorial, imposição cultural e linguística, a partir da perspectiva de uma personagem concebida no colonialismo. Em entrevista ao *Jornal Agência Estado*, José Agualusa afirma que:

O livro não é apenas uma crítica ao sistema colonial, ou à escravatura – o que seria tão tolo quanto espancar um cadáver – , o livro pretende ser sobretudo uma crítica irônica à atual sociedade angolana, que em muitos

aspectos é herdeira direta da sociedade escravocrata (ANGÊNCIA ESTADO, 2007).

Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes se desenvolve entre 1868 a 1900 e é contada através de vinte e seis epístolas: vinte e cinco são assinadas por Fradique Mendes e endereçadas a sua madrinha, Madame de Jouarre; Ana Olímpia, sua amada, e a Eça de Queiroz que, aqui, também é personagem. A última carta, assinada por Ana Olímpia é destinada a Eça de Queiroz. É por meio dessas correspondências que se conhece outra perspectiva da personagem, os lugares por onde viaja – Portugal, Angola e Brasil – bem como os fatos que ele presencia e as personagens com as quais tem contato.

A primeira carta, datada de maio de 1868 à sua madrinha Madame de Jouarre, descreve sua primeira impressão ao chegar a Luanda:

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais sutil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África (AGUALUSA, 2011, p. 11).

Ainda a partir da perspectiva deixada por Eça, onde a imagem do Outro é de inferioridade e estranhamento, essa chegada representa uma percepção de que o mundo dito “humano” e “desenvolvido” tinha ficado para trás, uma vez que o aspecto urbanístico da colônia representa um lugar melancólico e atrasado, ou seja, temos a referência do colonizador que tece o olhar europeu sobre um lugar desconhecido. Percebemos, com isso, a relação da personagem com a metrópole, em contraposição ao mundo no qual se encontra no presente: África, lugar que lhe lembra lamentos e desencantos, uma espécie de confirmação do pensamento oitocentista amplamente disseminado sobre o espaço africano, também presente em uma obra desse tempo da literatura inglesa, *No coração das trevas* (1902), de Joseph Conrad.

O enredo principal do romance é o amor vivido por Fradique e Ana Olímpia, que foi escrava, depois dona de grande fortuna e de escravos, mas com o falecimento do marido, Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo, volta a se tornar escravizada.

Conhecendo-a e já apaixonados, os dois fogem para o Brasil, no navio “Nação Crioula”.

Na terceira carta, enviada à sua madrinha, acompanhamos o momento em que Fradique conhece a mulher mais bela do mundo, Ana Olímpia: “Ao vê-la [...] logo naquele momento me reconciliei com a humanidade e os meus olhos se abriram com outro interesse para este país e as suas gentes” (AGUALUSA, 2011, p. 27). Ela e Fradique, não apenas apaixonados, mas também possuidores de várias afinidades intelectuais, tornam-se amigos e passam a trocar cartas. É por meio de tais correspondências que notamos o progressivo deslocamento da mentalidade de Fradique no que se diz respeito a “centro” e “margem” no decorrer da obra. Percebemos que sua criticidade, na África/Angola, vai se distanciando do Fradique silencioso/silenciado de Eça, ao pisar em solo africano. Bhabha (2007) defende que a ficção pós-colonial desloca o *centro* ao contar uma história diferente, e amplia o leque de novas possibilidades culturais híbridas.

A visão de Fradique sobre Angola muda a partir do momento em que conhece Ana. Ele a descreve com certo encantamento ao falar de sua beleza e da dança que participava. Ao conhecer ali uma mulher tão instruída como Ana Olímpia, com quem conversou sobre filosofia, ciências naturais, literatura e ouvi-la “citar Kant e Confúcio, trocar teses de Charles Darwin, comentar com inteligência e novidade a moderna lírica francesa” (AGUALUSA, 2011, p. 28), Fradique se espanta com tantas qualidades e a faz uma pergunta com certo tom de menosprezo ao lugar: “o que faz uma mulher como você num lugar como este?” ao que ela então responde sorrindo “este lugar é o meu país”(AGUALUSA, 2011, p. 28). Ao fim desse relato, Fradique se despede de sua madrinha dizendo que Angola é um país que lhe tem surpreendido dia após dia e encerra com a seguinte frase: “Seu afilhado quase africano, Fradique” (AGUALUSA, 2011, p. 28). Percebemos, então, que o tom patriótico no discurso de Ana Olímpia repercute na admiração de Fradique, que agora também considera Angola como um país e se considera de alguma maneira pertencente a esse lugar.

Após esse primeiro encantamento e desse olhar por Ana, a história do viajante português se transforma, pois ali encontrou alguém que o encantou e atraiu profundamente. Nas correspondências trocadas pelos dois, onde Fradique lhe fala dos lugares que visitou, reflete e critica a respeito da escuridão existente na colônia:

“onde a luz elétrica ainda não chegou, não há ciências exatas” (AGUALUSA, 2011, p. 31).

Em carta à sua madrinha, Madame de Jouarre, Fradique narra a fala de Arcénio Filho, personagem que hospeda o viajante em sua casa, que afirma que “os pretos do mato constituem grande obstáculo à rápida transformação de Angola num país moderno uma vez que não têm sequer ideia de Estado, recusam-se a falar português e permanecem cativos de toda espécie de crenças e superstições” (AGUALUSA, 2011, p. 20). De forma irônica, Fradique argumenta:

[...] os ingleses, franceses e alemães também se recusam a falar português [...] qual a diferença, afinal, entre um manipanso cravejado de duros pregos e a estatueta de um homem pregado numa cruz? Antes de forçar uma africano a trocar as peles de leopardo por uma casaca do Poole, ou a calçar umas botinas do Malmstrom, seria melhor procurar compreender o mundo em que ele vive e a sua filosofia (AGUALUSA, 2011, p. 20)

Com essa fala, observamos como a personagem defende a reflexão e, sobretudo, respeito a uma cultura que tem suas formas de expressão e peculiaridades. Percebemos, a exemplo dessa passagem e outras ao longo da narrativa, a visão crítica de Fradique frente os problemas que testemunha na nação angolana, demonstrando não apenas uma mudança formal da personagem, mas, sobretudo, uma viragem no pensamento etnocêntrico e homogeneizador frente a história única que se quer o colonialismo. Acreditamos ser nessa questão que se encontra as diferenças do Fradique de Agualusa com o de Eça, pois enquanto este crê que não há nada a se dizer sobre a África, o outro manifesta consideravelmente o que precisa ser dito.

2.3 A CORRESPONDÊNCIA [NÃO MAIS] SECRETA DE FRADIQUE MENDES

Em *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, observamos a estratégia de José Eduardo Agualusa de reescrever um texto da metrópole, inserindo a personagem principal no contexto do colonizado, como uma

forma também de questionar esse sujeito, obrigando-o à escuta frente a realidade experienciada em Angola e no Brasil, fazendo com que esta o contamine e reconceitue.

Bonnici fala sobre o conceito de reescrita definindo-a como uma estratégia através da qual “o autor se apropria de um texto da metrópole, geralmente canônico, problematiza a fábula, os personagens ou sua estrutura e cria um novo texto que funciona como resposta... à ideologia contida no primeiro texto” (2000, p. 40). Jean Rhys, por exemplo, fez uma nova versão para *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, chamada *Wide Sargasso Sea* (1966).

Na obra em estudo, observamos que a voz de Fradique propõe um diálogo onde antes não havia, principalmente com o rompimento de dicotomias que o romance destaca, seja pelo fato de não atribuir aos angolanos e brasileiros o papel de vítimas, seja por rever na figura dos europeus o rótulo de colonizadores:

Foi o impulso biológico da propagação da raça que empurrou caravelas portuguesas. Estamos em África, na América e no Oriente pelo mesmo motivo que os fungos se alastram ou os coelhos copulam – porque no íntimo sabemos (o nosso sangue sabe-o) que colonizar é sobreviver! [...] Desgraçadamente Portugal espalha-se, não coloniza [...] Pior: uma estranha perversão faz com que os portugueses, onde quer que cheguem, e temos chegado bastante longe, não só esqueçam a sua missão civilizadora, isto é, colonizadora, mas depressa se deixem eles próprios colonizar, isto é descivilizar, pelos povos locais (AGUALUSA, 2011, p. 164-165).

Nesse trecho, temos traços de um português que enaltece o fato de Portugal ter sido um grande Império, que chegou a diversos lugares no mundo. Porém, ironicamente, Fradique compara este mesmo Império aos fungos, que não veem em seu alastrar um objetivo senão a própria sobrevivência. Notamos que o olhar crítico de Fradique Mendes passa a favorecer uma imagem diferente de como os portugueses enxergam a si mesmos, isto é, ao negar a suposta superioridade europeia e o papel de povo “eleito”, Fradique desnuda a fragilidade lusitana.

Mais adiante, a influência de novos significados do local sobre ele - por ter morado um tempo no país e por ter se envolvido com Ana - Fradique começa a ver “África na Europa”, e não o contrário, como observamos em carta à Ana Olímpia, datada de dezembro de 1872:

(...) Quando me perguntaste, respirando exausta o mesmo ar que eu — e agora? — não soube o que responder. Três meses mais tarde ainda não conheço a resposta. Fui nômade a vida inteira. Atravessei metade do mundo,

desde Chicago até à Palestina, desde a Islândia até ao Sahara e nunca soube que nome dar a essa errância aflita. Hoje sei que estava à tua procura. Sei que és o meu destino, a minha pátria, a minha igreja. Sei que ao deixar Luanda fez—se Dezembro e que desde então o Inverno ronda como um lobo esfomeado à minha volta (AGUALUSA, 2011, p. 58).

Já em terras brasileiras, depois da fuga com Ana Olímpia pois esta teria retornado à condição de escrava, vemos que aflora em Fradique sua posição frente o sistema escravista:

Houve a semana passada grande festa na minha propriedade. Decidi conceder carta de alforria a todos os trabalhadores do engenho, o que serviu de pretexto a uma alegre manifestação emancipadora, que trouxe a São Francisco do Conde algumas maiores figuras do crescente movimento social contra a escravatura. Os trabalhadores optaram, na sua maioria, por permanecer ao meu serviço, pagando-lhes eu o mesmo que nas províncias do Sul se paga aos colonos europeus, e responsabilizando-me pela saúde de todos e a educação dos filhos (AGUALUSA, 2011, p. 115).

Nesta carta, endereçada a Eça de Queiroz, Fradique relata sobre a festividade e seus convidados. Entre as figuras presentes, estavam duas pessoas importantes do movimento abolicionista: José do Patrocínio e Luís Gama. No romance, ambos são transformados em personagens, defensores do fim do regime escravista, com quem Fradique passa a ter ligação quando compra uma fazenda. Em outras passagens (carta à sua madrinha datada de dezembro de 1876), Fradique demonstra seu incomodo em relação a escravidão:

Os escravos cantavam nos porões. No tombadilho o comandante tinha mandado colocar uma grande gaiola cheia de galinhas, faisões, pequenas aves canoras, e um rumor de floresta juntava-se assim ao queixume triste dos negros, causando em meu espírito uma estranha impressão.[...] Entramos em águas brasileiras do mesmo modo que, vinte e quatro dias antes, tínhamos deixado a costa africana: silenciosamente, invisivelmente, a coberto da escuridão de uma noite sem lua. Os escravos que nestes últimos anos cruzaram o Atlântico, aos milhares, fechados durante vinte ou trinta dias em sórdidos porões, hão de ter pisado a mesma praia que eu, cegos, confusos, crentes e certamente de que viveram uma única e inesgotável noite sobre o mar (AGUALUSA, 2011, p. 86-91).

Diferente da figura dandesca e ‘fria’ da obra queirosiana, o personagem recriado por José Eduardo Agualusa não apresenta reservas com relação aos sentimentos. Com o desenvolver da narrativa, portanto, percebemos que Fradique Mendes se apresenta com a visão de um sujeito não mais permanente/fixo. Conforme defende Hall (2003) em sua teoria, dele emerge uma personagem que está se transformando em um sujeito fragmentado, constituído por outras identidades.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos em nosso estudo que *Nação Crioula* (1997) desenha-se como um romance epistolar que representa a experiência de um viajante português em terras africanas e brasileiras. Carlos Fradique Mendes, personagem retirado da obra *A correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, foi criado pelo grupo *Cenáculo*, com a intenção de brincar, desdenhar e chocar a sociedade burguesa. Diante disso, percebemos que José Eduardo Agualusa, com propriedade, reescreve a personagem em seu enredo e acrescenta alguns pontos em sua biografia que não estariam presentes na obra do escritor português.

Um ponto importantíssimo acrescentado foi seu envolvimento com Ana Olímpia. Acreditamos que mereça um trabalho à parte discorrer sobre a voz dessa personagem para a construção do romance, pois somente a partir da última epístola da obra que temos acesso ao ponto de vista desta, com detalhes que não foram enfatizados por Fradique. Ao construir sua perspectiva dos fatos, portanto, Ana Olímpia, dirigindo-se a Eça, converte-se no sujeito pós-colonial, aquele que exerce a voz ativa: expõe a ele o peso histórico do colonialismo e de seus efeitos e o faz enxergar os contrapontos das identidades: ela, Ana, africana; ele, Eça, colonialista português, e dá a este (na ficção) a oportunidade de rever seus conceitos e desconstruir suas certezas cristalizadas sobre o continente africano.

Em *Nação Crioula* são retratados contextos envolvendo a colonização portuguesa em Angola, o tráfico negreiro e a escravidão no Brasil para, a partir da tomada de elementos factuais, ser desenvolvida a narrativa. Dessa forma, entendemos tal narrativa africana como literatura *pós-colonial*, isto é, um conceito de múltiplos significados, devendo ser interpretado aqui como expressão que relativiza os binômios colonizador/colonizado, centro/periferia, Primeiro/Terceiro Mundo. O texto evidencia, neste sentido, não um 'olhar de fora', geralmente marcado pela visão exótica e até de repúdio quanto aos países considerados periféricos, mas uma 'perspectiva de dentro', tornando possível uma nova perspectiva de analisar a

identidade cultural africana frente ao mundo globalizado, remontando o passado e em constante diálogo com o contemporâneo, pois, como nos lembra Bhabha (2012): “precisamos do pós-colonialismo para nos mostrar a experiência completa da descolonização”.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula – a correspondência secreta de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.

AGÊNCIA ESTADO. **José Agualusa homenageia Eça de Queiroz em Nação Crioula**. Disponível em: <http://www.bemparana.com.br/noticia/21202/jose-agualusa-homenageia-ecade-queiroz-em-nacao-crioula>> Acesso em: 10 out. 2021.

BHABHA, Homi K. (2012). “A iminência das poéticas”. In: *Entrevista concedida à 30ª Bienal de São Paulo*. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=ym2dPYqlvmA>> Acesso em set de 2021.

_____. **O local da cultura**. 4a reimpressão. Trad. De Myrian Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2000.

CÉSAIRE, Aimé (2010). *Discurso sobre o colonialismo*. Blumenau: Letras Contemporâneas, pp.7-85.

FONSCECA, Homero, As várias áfricas, in:Continente: **África, uma história entrelaçada com a nossa história**, Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, v. Especial Fliporto 2008, p. 08-09.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Fradique Mendes nas rotas do Atlântico Negro”. In: OLIVEIRA, Paulo Motta; SCARPELLI, Marli Fantini (Orgs.). **Os Centenários**: Eça, Freyre e Nobre. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2001. p.253-263.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GLISSANT, Édouard, **Introdução a uma poética da diversidade**, tradução de Enilce do Carmo Albuquerque Rocha, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUTCHEON, Linda. Metaficção Historiográfica: O Passatempo do Tempo Passado. In: _____. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria e ficção. Tradução Ricardo da Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

LOPES, Graça Videira. Eça de Queirós, João de Deus – África na literatura portuguesa do século XIX. In: **Outro**, Actas do 1º Simpósio interdisciplinar de Estudos Portugueses, Lisboa, I vol., p. 265-276, 1985. Disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index_ficheiros/africa.pdf. Data de acesso: 09/09/2021

MATA, Inocência. O texto colonial: uma questão estético-ideológica In: SPANIKOVA, S. **(Des)colonização na Literatura Portuguesa Contemporânea**. Breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades. Masarykova univerzita: Brno, 2014. p.108-114.

DO NASCIMENTO, Lucy Miranda. A reescrita pós colonial como resgate das vozes transafricanas na literatura afro hispano-americana. **Revista Alêre**, v. 20, n. 2, p. 153-172, 2019.

QUEIRÓS, Eça de. **A Correspondência de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2013.

_____. **A ilustre casa de Ramires**. São Paulo: Ática, 1979.

THIMÓTEO, Maria Natália Ferreira Gomes. **Fradique Mendes e o ideário da “Geração de 70”**. **Analecta**. Guarapuava, Paraná. V.2, n.2, p. 23-30, Jul./Dez. 2001.